

---

**HISTORIOGRAFIA POLITICA: ENTREVISTA COM O Prof. Dr. Josep Fontana  
(Universitat Pompeu Fabra)**

**REALIZADA ENTRE OS DIAS 28 de Julho a 01 de Agosto de 2016 (via e-mail)**

**Entrevistador: Doutorando Marcello Felisberto Moraes de Assunção  
(Universidade Federal de Goiás).**

**Revisão técnica e tradução: Tila de Almeida Mendonça (Katholische  
Universität Eichstätt-Ingolstadt)**

Josep Fontana Lázaro nasceu em Barcelona no ano de 1931. Estudou Filosofia e Letras na Universidade de Barcelona, obtendo sua licenciatura em 1956 e seu doutorado em 1970. Foi expulso da universidade em 1966 por motivos políticos, ainda no período do franquismo. Especialista em História da Espanha (séculos XIX e XX), História Econômica e Teoria da História, áreas que ministrou aulas durante sua trajetória acadêmica na Universidade de Barcelona, Universidade Autônoma de Barcelona e Universidade de Valência. Seus livros voltam-se, nomeadamente, para o século XIX espanhol, a transição do antigo regime para o capitalismo e a formação da sociedade da indústria a partir de um ponto de vista marxista. Além disso, publicou vários livros que visam perscrutar a historicidade da teoria da história em sua imbricação com a política. Intervém regularmente no periódico alternativo eletrônico Sin Permiso (<http://www.sinpermiso.info/>). No Brasil publicou os livros *Introdução ao Estudo da História Geral*, *A Europa diante do Espelho*, *A História dos Homens* e *A História depois do Fim da História*. Em decorrência de sua influência no campo da Teoria da História no Brasil enviamos ao professor algumas perguntas para esclarecer algumas de suas posições em torno do que “fazem os historiadores quando fazem História” e também a relação desse “fazer” com a intervenção pública do historiador.

**RTH:** O estudo da Teoria da História em sua historicidade é um dos grandes legados que o professor deixou para a historiografia espanhola e mundial. Em decorrência deste legado e da sua trajetória institucional e intelectual, iniciaremos a entrevista perguntando-lhe como você avalia a historiografia espanhola produzida em tempos de franquismo, tanto no âmbito de uma historiografia

---

científica profissional, como também fora do ambiente acadêmico do período (ensino de história, literatura, jornalismo, memória, etc.). Como foi a experiência de se formar um historiador em meio ao autoritarismo franquista?

**JOSEP FONTANA:** A historiografia espanhola partia durante o franquismo de um déficit muito importante, como foi o exílio da maior e melhor parte da intelectualidade espanhola progressista. Sua qualidade era muito baixa e sua influencia intelectual, nula. Daí que fosse lógico buscar caminhos alternativos e apontar-se à renovação da investigação histórica. Os contatos com o mundo exterior, sobretudo com a França e com os membros da Escola de Annales eram fáceis, assim como o eram os que estabelecemos com os marxistas italianos. De fato, dedicar-se a estudar História era algo estimulante naqueles anos, algo que parecia integrar-se a normalidade na luta clandestina contra o regime.

**RTH:** Em seus livros mais conhecidos no Brasil *História: Análise do passado e projeto social* (FONTANA, 1998b) e *A História dos homens* (FONTANA, 2004b) o professor afirma a importância de estudar a Teoria da História de um ponto de vista histórico, a partir da análise dos “projetos sociais” subjacentes às produções historiográficas, indo na contramão de certa Teoria da História ainda muito semelhante a uma “história filosófica”, interna, “filológica” e deslocada do mundo social. A unidade entre a História, a Economia Política e o projeto social – afirmadas nessas duas obras – são formas de superar esta História da História ainda muito abstrata e autorreferente?

**JOSEP FONTANA:** A experiência de ter-me formado durante o franquismo tem a ver com essa atitude. Um de meus primeiros mestres, Jaume Vicens Vives, sustentava que a tarefa mais importante que poderia ter um historiador naquelas circunstâncias era tratar de ser útil para o país, e que “se poderia servir ao país através da ciência histórica”. Outro de meus mestres, Pierre Vilar, me escreveu então em uma carta: “Se não acreditasse na ciência histórica capaz de explicação e de evocação perante a infelicidade humana e perante a grandeza humana (com a grande esperança, no fundo, de aliviar uma e ajudar a outra), não passaria minha vida entre cálculos e papeladas. Mas se fôssemos ao encontro do homem com bons

---

sentimentos e uma intenção de literatura, isso somaria à inutilidade uma pretensão muito antipática. Não queremos uma ciência fria, mas queremos uma ciência”.

Estes foram os meus pontos de partida, que se baseavam em considerar a História como uma ferramenta de intervenção na sociedade (“a História como arma”, como dizia meu amigo, o grande historiador cubano Moreno Fraginal). Como docente pensei sempre que minha função não era ensinar aos estudantes “verdades” – explicar-lhes o que “verdadeiramente ocorreu na História” – senão infundir-lhes sentido crítico para que fossem eles mesmos quem buscassem suas verdades.

**RTH:** As contribuições de Marx e Engels para o método histórico e para a Teoria da História é uma constante nas suas reflexões. Teria a sua ideia de uma “economia política” como meio de análise da produção historiográfica referencia na abordagem marxista. A Teoria da História e o método marxista ainda podem ser considerados relevantes para historiografia contemporânea?

**JOSEP FONTANA:** Em um texto intitulado *Para una historia de la historia marxista*, que amigos chilenos publicaram em um pequeno volume, começo dizendo: “Um dos maiores problemas que existem para definir o que seria uma História legitimamente marxista é que, por princípio, deve ser uma história que vá além das codificações mais ou menos dogmáticas que formam o que a maioria entende por ‘marxismo’”.

Meu Marx não é o dos catecismos “marxistas”, senão aquele que quatro antes de sua morte, em 1879, escrevia a Danilson que não poderia terminar o segundo volume de *O Capital* antes que concluísse a crise pela qual estava atravessando a economia inglesa: “Há de observar o curso real dos acontecimentos até que cheguem a sua maturação antes de poder consumi-los produtivamente, com o qual quero dizer ‘teoricamente’”. O que significa que o velho Marx não se considerava em posse de um jogo de ferramentas teóricas que lhe permitisse julgar o que sucedia sem seguir com a prática de “observar o curso real dos acontecimentos”. “Consumir a realidade teoricamente” é uma boa regra para fundamentar o trabalho do historiador.

**RTH:** O marxismo ainda é acusado, dentro e fora da academia, de ser um “esquema” mecanicista e “unilinear” de analisar a história humana. Quais razões você atribui para esse contínuo desconhecimento/deturpação da teoria/historiografia/sociologia marxista? Você acredita que a hegemonia de uma visão neoliberal e unilinear da economia capitalista, oriunda de uma “burguesia triunfante”, seja uma das razões para estes ataques/deturpações?

**JOSEP FONTANA:** Está claro que o mundo acadêmico sempre preferiu, por sua rentabilidade, versões da História que se esquivam da crítica e ajudam a criar a convicção de que vivemos no melhor dos mundos possíveis e que, em todo caso, para dizê-lo coma expressão da senhora Thatcher, que “there is no alternative”, que o que há é o melhor que poderia ter passado. Não é isso o pior, no atual grau de controle de nossas sociedades por um capitalismo depredador, seguro de não ter inimigos a vista, a História já nem mesmo se considera necessária, de modo que se está eliminado seu ensino nas universidades.

**RTH:** A busca pela historicidade das lutas derrotadas – jacobinos, carbonários, anarquistas, comunistas, etc. – e, na mesma medida, da vitória das classes dominantes pelo uso do poder repressivo/econômico desproporcional indicam uma leitura historiográfica que se assemelha com a visão de uma “história à contrapelo” que “arranca a transmissão da tradição do conformismo” que parece ser legada de Walter Benjamin em suas “teses” (BENJAMIN, 1985). Existe uma influência do mesmo em seu projeto teórico e historiográfico?

**JOSEP FONTANA:** Benjamin, mais o das “Passagens” do que o das “Teses”, foi muito importante para mim. Mas meu interesse não é pelos derrotados, mas pelos caminhos alternativos que poderiam ter sido seguidos. Entender que em cada momento do passado não havia um caminho obrigatório, mas uma diversidade de futuros possíveis, parece-me fundamental.

A inteligência crítica que Edward Nell fez das explicações “de fator” das sequências lineares acorrentadas de causas e efeitos, habituais aos historiadores, que propunha redefinir por interpretações por “redes fatoriais de relações

---

mutuamente dependentes”, passou sem receber atenção. Talvez porque se distanciava dos métodos narrativos habituais, mas também porque obrigava a demasiado trabalho e dava algumas respostas sutis e variadas.

Que seu livro não tenha recebido a atenção que merecia é uma das minhas frustrações de “editor”, de diretor de uma coleção de livros de História. Junto a esta apontaria meu fracasso no empenho de difundir a visão “não estadista” de Ranajit Guha, ou, o pior de todos, o silêncio com que foi recebido *A busca de um reino imaginário*, o charmoso livro de Lev Gumilev, o filho de Anna Ajmatova, que se atreveu a desafiar o monopólio da especialização acadêmica e recebeu por isso o castigo de seu desprezo.

**RTH:** Em diversos momentos o professor indica que os Annales foram primordiais na sua formação, inclusive porquê aponta o papel de Pierre Villar em sua trajetória intelectual. Você poderia comentar sobre o que considera em seus livros como “virada conservadora” dos Annales? Qual a atualidade destes (naquilo que considera como inovador e progressista em sua historiografia) para o estudo da história?

**JOSEP FONTANA:** A escola de Annales tem, segundo me parece, três etapas: a primeira é a formativa, com Febvre, o qual Vilar considerava seu mestre, marcada pela influência de Bloch. É, para mim, a mais valiosa. A segunda, após a morte de Febvre em 1956, está dominada pela figura de Braudel. É sua etapa de maior prestígio, que se acaba em 1969, com a revolta dos discípulos que defenestraram a Braudel, cansados de verem-se submetidos a sua autoridade, e iniciaram uma terceira etapa em que Annales se converteu em um feira de novidades superficial e intranscendente, que foi degenerando na mesma medida em que seus cultivadores se esforçavam por se manterem “na moda”.

**RTH:** A obra de Edward Palmer Thompson – e do marxismo inglês (Christopher Hill, Eric Hobsbawm, Raymond Williams e outros) – é bastante discutida e elogiada pelo professor em diversos momentos da sua trajetória (FONTANA, 1989: 2014). Como você avalia a contribuição do mesmo para a historiografia? A leitura thompiana sobre a história e a luta de classes se mantém atual?

**JOSEP FONTANA:** Thompson foi muito importante para mim. Não apenas por seus livros, senão por seu comportamento na vida e na pesquisa histórica. O conheci pessoalmente e isto me ajudou a entendê-lo. O que segue vivo de Thompson é, sobretudo, sua forma de aproximar-se dos problemas, de buscar as respostas em um diálogo entre conceito e dado empírico, sem aceitar a existência prévia de um corpo de doutrina que condiciona a pesquisa. Mas também, como disse, valoroso por sua atitude vital: se manteve sempre a margem dos escalões acadêmicos e dedicou muitos anos a participar de campanhas pela paz.

**RTH:** O professor poderia esclarecer a sua visão crítica sobre o “pós-modernismo” e as relações deste com a “girada linguística/cultural”. Você não acha que há por parte de historiadores marxistas e da História Social uma generalização muito grande sobre estes conceitos, causando seu esvaziamento?

**JOSEP FONTANA:** Pareceu-me em seu momento que era importante criticar as consequências que teria para pesquisa histórica o “giro cultural”. Não fui o único depois da expulsão dos Annales.

Braudel criticou “seus sucessores” por dedicar-se a “estudar as mentalidades em detrimento da vida econômica”. Ao que somava, “por minha parte não estudaria as mentalidades sem considerar todo o resto”. Essa é uma das críticas que me parece atinada, desconfio do tipo de pesquisa histórica que se esquece de “todo o resto”.

Isso, no entanto, me importa hoje muito pouco; parece-me arqueológico. O que me preocupa é o giro economicista que experimentou uma historiografia recente que legitima as piores características da fase atual do capitalismo que estamos sofrendo, como a estagnação da economia, as políticas de austeridade ou o aumento da desigualdade. Esta corrente se baseia na “vida econômica”, mas esquece “todo o resto”, escamoteando frente toda a dimensão política do problema, seguindo o modelo que iniciou Piketty, e que desenvolve agora livros como *The rise and fall of American growth*, de Robert J. Gordon ou *Global inequality*, de Branko Milanovic. Basta ler a resenha do livro de Gordon que William D. Nordhaus publicou no *The New York Review of Books* de 18 de agosto de 2016, com o título de

---

*Why growth will fall* para dar-se conta de que o que nós estamos jogando nesta matéria é demasiado importante como para perder o tempo em velhos debates.

**RTH:** Tal como acontece com a Historiografia/Teoria da História produzida em Portugal, há certo desconhecimento no Brasil, mesmo diante da proximidade cultural da matriz ibérica e da linguagem, daquilo que é produzido também na Espanha. O professor poderia elencar alguns autores espanhóis do passado ou do presente que são leituras primordiais para o estudo da história em um âmbito teórico/historiográfico? Os historiadores brasileiros são lidos na Espanha?

**JOSEP FONTANA:** A cultura acadêmica se converteu em um universo que não se interessa hoje por outra produção que aquela escrita em inglês. Houve um tempo em que os historiadores espanhóis mantinham um bom contato com uma geração de excelentes historiadores portugueses, mas estes contatos, ainda que persistam me afligem por não serem hoje tão vivos.

Enquanto a produção historiográfica brasileira é, por desgraça, escassamente conhecida aqui. O que não haveria de nos surpreender, porque tampouco se conhecem em Espanha os bons historiadores latino-americanos de língua espanhola que existem. Penso em casos como o de Sempat Assadourian, que deu uma virada na História colonial e que não recebeu o apreço que merece.

**RTH:** Livros com claro cariz didático, mas com grande densidade, como *Introdução ao estudo da história* (FONTANA, 2000) são também presentes na sua trajetória intelectual. Essa forte preocupação com a didática do conhecimento é uma marca de diversos livros que produziu. Prática que o distingue de uma série de intelectuais, que se perdem em uma eterna erudição asfixiante. Para o professor faz-se imperioso escrever também para aquele público que Eric Hobsbawm dizia ser o dos “cidadãos cultos e inteligentes” com interesse pela história e que “desejam compreender como e por que o mundo veio a ser o que é hoje, e para onde se dirige” (HOBSBAWM, 2014b: 15). Esse caráter público da história sempre esteve no seio de seu projeto historiográfico?

**JOSEP FONTANA:** Há um tempo para a pesquisa, e eu mesmo escrevi trabalhos especializados em história da fazenda, e outro para dirigirmos a um público amplo a quem convém que lhes ajudemos a entender as coisas. Não que lhe expliquemos “histórias”, para isso já estão os romancistas, que o fazem melhor. A *Introdução...* escrevi a partir da minha experiência ensinando um curso de primeiro período, que me proporcionou uma experiência muito interessante. Gostaria de algum dia convertê-lo em algo menos escolar, para um público geral; mas não creio que tenha tempo de fazê-lo.

**RTH:** Um movimento liberal-conservador brasileiro intitulado “Escola sem partido” busca retirar do ensino de história conteúdos considerados “ideologizados” por terem supostamente uma dimensão “marxista”, em uma espécie de “macartismo à brasileira”. O professor apontou nas aulas do Chile, publicadas em livro (FONTANA, 2011), que desde o fim dos anos 60 o avanço conservador, contrarrevolucionário, também invadiu e confrontou o campo da historiografia, em particular da História Social, citando o caso da Inglaterra dos anos 70 como exemplo deste processo, pela tentativa de retirarem os conteúdos mais críticos e sociais dos currículos do Ensino Fundamental e Médio. Na Espanha pós Franco existiu ou existe algo parecido com esses projetos conservadores? E o que explica essas intervenções em tempos de “democracia” no ensino da História?

**JOSEP FONTANA:** Tudo isso forma parte do que chamamos dos usos públicos da História, que um historiador italiano definiu como “tudo o que não entra diretamente para a História profissional, mas constitui a memória pública (...); tudo o que cria o discurso histórico difuso, a visão da História, consciente ou inconsciente, que é própria de todos os cidadãos. Um terreno em que os historiadores representam um papel, mas que é questionado substancialmente por outros protagonistas, como os políticos, e pelos meios de comunicação em massa”.

Isso inclui também o controle do que se ensina nas escolas, que não somente depende dos ministérios de Educação, senão que é objeto de um amplo controle social. Há, por uma parte, o domínio que os profissionais a serviço da ordem estabelecida desfrutam nos meios de informação importantes, desde os quais podem fulminar as condenações e as reprovações. E ainda mais, referindo-se

---

aos Estados Unidos, James Loewen disse que “entrevistou vários professores de ensino secundário e bibliotecários que foram despedidos ou receberam ameaças sérias de sê-lo, por atos menores de independência como os de proporcionar aos alunos materiais que alguns pais consideram discutíveis”. O qual, acrescenta, sabendo que ninguém acudirá a defendê-los, empurram-lhes a “segurança da autocensura”.

**RTH:** Em uma entrevista recente da RTH com o professor Luís Reis Torgal, professor da Universidade de Coimbra/CEIS20<sup>1</sup>, este apontou a perda do sentido humanista da universidade em Portugal e na Europa diante de um sentido “ornamental”, que privilegia mais os “números” do que o conhecimento produzido para a sociedade. No Brasil de forma análoga, a CAPES, órgão responsável pelo estímulo e coordenação da pós-graduação, vem criando um sistema de produção acadêmica que preza muito mais pelo “quantitativo” que pelo “qualitativo”, criando uma espécie de “fordismo acadêmico”. Como o professor avalia a produção universitária (graduação e pós-graduação) no caso espanhol ou mesmo europeu? A cobrança de “taxas” cada vez mais altas para o acesso ao sistema universitário seriam representativas desse processo de deturpação de um sentido humanista da universidade na sua transição para uma dimensão meramente mercadológica?

**JOSEP FONTANA:** Há, evidentemente, uma tendência das universidades a buscar remédio para a queda dos recursos que recebem comercializando o ensino e buscando subvenções sobre a base de apontar-se a objetivos acordados com as tendências de seus governos. Esta tem sido uma das razões que as estão levando a suprimir o ensino das humanidades e, em especial, da História. O pretexto pode ser de caráter econômico: dedicar-se preferencialmente a proporcionar aos estudantes habilidades técnicas e administrativas para desempenhar os trabalhos que lhes esperam. Para além, no propósito global que inspira a mudança, está a intenção de criar uma educação diferenciada para as camadas dominantes, para as quais está reservado o governo da sociedade, e para os que devem ser educados

---

<sup>1</sup>O Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX é um espaço de investigação de natureza interdisciplinar da Universidade de Coimbra, integrando o IIIUC (Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra).

---

para assumir que seu dever é trabalhar no que lhes atribui e resignar-se. Ensinar História a estes seria perigoso, porque poderia tenta-los a pensar por conta própria.

**RTH:** Para Michael Löwy – um intelectual marxista brasileiro radicado na França – o racismo (a onda anti-imigração, islamofobia, o ódio às minorias étnicas Sinti e Roma<sup>2</sup>, etc.) e o anticomunismo são os elementos de unificação da direita em ascensão na Europa (em particular na França), assemelhando, guardada as suas especificidades, com processos dos anos 1920/30 (LÖWY, 2015). Nesse contexto de ascensão conservadora poderíamos dizer que os mitos da “superioridade europeia” e dos espelhos deformantes do “outro” – analisados por você em *Europa ante el espejo* (FONTANA, 2004a) – ainda vão ter um papel predominante no presente? O ceticismo do livro *Europa ante el espejo* (FONTANA, 2004a), publicado há mais de 22 anos, com relação ao “fechamento” da Europa foram confirmados continuamente ao longo desses anos?

**JOSEP FONTANA:** Há um problema real, que é o empobrecimento de uma parte considerável da população mundial, que está tendo consequências como as grandes migrações africanas que assaltam o Mediterrâneo. Que isso provoque o pânico de uma parte da população europeia e a arroje à insolidariedade tem certa lógica, por mais lamentável que seja. Mas no chamado giro populista atual há mais, como se viu no caso do Brexit, aonde, além do rechaço do imigrante, uma das motivações dos votantes populares foi uma espécie de revolta contra os dirigentes. Tony Blair disse que denunciava que “o cento político perdeu seu poder de persuadir e seus meios essenciais de conexão com a gente a quem trata de representar”. No lugar desta ordem dominado pelo “centro político” – este é pela confluência a direita tradicional e uma socialdemocracia vendida ao neoliberalismo – que dirigia até agora o conjunto da sociedade desde cima – nos encontramos com “uma convergência da extrema esquerda e da extrema direita. A direita ataca os imigrantes e a esquerda clama contra os banqueiros, mas o espírito

---

<sup>2</sup> Os quais estamos no Brasil familiarizados a chamar pelo termo genérico “ciganos”.

---

de insurgência, o desabafo da ira contra os que estão no poder (...) são os mesmos em ambos os extremos”.

Agora bem, o problema real e duradouro é outro. O de um mundo empobrecido que aspira a melhorar imigrando. Para colocar um exemplo, se calcula que a Nigéria terá em 2100 uns 752 milhões de habitantes, incapazes de se sustentar em seu solo, enquanto a população total da Europa não passará de 646 milhões.

**RTH:** Nos anos 90, quando o debate sobre o "fim da história" estava em alta, o professor inclusive escreveu um texto sobre a questão na época, dando a sua contribuição (FONTANA, 1998a). Hoje o debate foi jogado para "debaixo do tapete", mesmo diante do fato de que a ortodoxia neoliberal nunca foi tão dominante no mundo. No Brasil vivemos claramente a expressão autocrática desta ortodoxia com um “golpe parlamentar” que coloca no poder um vice-presidente aliado dos setores mais eminentemente vinculados à lógica neoliberal – o que não retira as contradições, alianças espúrias ou mesmo aplicação atenuada deste programa no governo destituído. Como os historiadores de hoje devem se posicionar frente àquilo que Pierre Bourdieu chamou das artimanhas de uma razão imperialista, da naturalização da razão neoliberal e absolutização do discurso da austeridade e flexibilização dos direitos sociais tão claros no projeto *Ponte para o Futuro* do atual presidente interino no Brasil, Michel Temer, ou nas artimanhas da *Troika* sobre a Grécia?

**JOSEP FONTANA:** Penso que tudo o que estive dizendo até agora aponta no sentido da resposta que poderia dar-lhes. O historiador tem que assumir seu papel na tarefa coletiva de analisar a realidade social e explicá-la. Deve proceder, de certo modo, como o revolucionário de Brecht: “Lá aonde a opressão reina e se põe a culpa no destino, ele dirá os nomes”. O que acontece hoje no Brasil é um episódio de uma etapa da mudança global que deve explicar-se e denunciar-se para criar consciência coletiva. O Brasil é um país com extraordinária riqueza social e cultural em que o historiador tem algumas perspectivas de trabalho apaixonantes.

**RTH:** Por fim, faremos uma pergunta que vem sendo repetida a todos que entrevistamos desde os primórdios da revista. O professor acredita que a História tem uma função social?

**JOSEP FONTANA:** A “História”, dito assim em abstrato, é somente uma ferramenta, e o efeito de uma ferramenta depende de como e para que se a empregue. Um martelo serve para fazer um móvel e para partir uma cabeça. Mas que a História, adequadamente empregada, tem uma função social é algo que me ensinaram meus mestres e que tive ocasião de comprovar com meu próprio trabalho, através dos testemunhos que recebo – muitos da América Latina, aliás – de pessoas que me asseguram que lhes ajudou a pensar por si próprio. Não fosse por esta evidência, não haveria seguido dedicando-me a este trabalho.

---

## Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia, técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- FONTANA, Josep. E. P. Thompson: Historia y lucha de clases. In: THOMPSON, Edward Palmer. *Tradicón, revuelta y consciência de classe: Estudios sobre la crisis de la sociedade pré-industrial*. Barcelona: Editorial crítica, 1989.
- FONTANA, Josep. *História depois do fim da história*. São Paulo: EDUSC, 1998a.
- \_\_\_\_\_. *História: Análise do passado e projeto social*. São Paulo: EDUSC, 1998b.
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao estudo da história geral*. São Paulo: EDUSC, 2000.
- \_\_\_\_\_. *A Europa diante do espelho*. São Paulo: EDUSC, 2004a.
- \_\_\_\_\_. *A história dos homens*. São Paulo: EDUSC, 2004b.
- \_\_\_\_\_. *La historia que se piensa: Conferencias, clases y conversaciones en Chile*. Valparaíso: Colección Historia Vital/Edições Escaparate, 2011.
- \_\_\_\_\_. La formación de E. P. Thompson. *História e Perspectivas*, Uberlândia (1): 17-32, jan./jun., 2014.
- HARTOG, François. *Regime de historicidade*. Disponível em: >[https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/Fran%C3%A7ois Hartog Regime de Historicidade %281%29.pdf](https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/Fran%C3%A7ois_Hartog_Regime_de_Historicidade_%281%29.pdf)<, 1995.
- HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o longo século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A Era das Revoluções, 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014b.
- LÖWY, Michael. *8º Seminário Anual de Serviço Social realizado no Teatro TUCA (PUC-SP)*, 2015. Disponível em: ><https://www.youtube.com/watch?v=8T0kLQTKB7A><